
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A EXPERIÊNCIA DA ANIMALIDADE EM *A MAÇÃ NO ESCURO*, DE CLARICE LISPECTOR, E EM *ACENOS E AFAGOS*, DE JOÃO GILBERTO NOLL: UM ESTUDO COMPARATIVO

Fabício Lemos da Costa¹ (UFPA)
e Mayara Ribeiro Guimarães² (UFPA)

RESUMO: O presente artigo pretende analisar a experiência dos personagens de *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector (1920-1977), e *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll (1946-2017), com a animalidade. Nesta aproximação, problematizaremos vivências, que, pelos animais, convocam a desclassificação e desorganização dos sujeitos. Para isto, o informe e o “imundo” emergem como maneira mais particular de evidenciar um contato entre o homem e o selvagem. Estamos, pois, no campo da desarticulação de qualquer ordenamento diante dos inumanos, na figura dos animais. Para este artigo, recorreremos às reflexões de Nascimento (2012), Giorgi (2016), Berger (2021), Nor (2018), Maciel (2016), Sousa (2012), Seligmann-Silva (2011), Garramuño (2011), Agamben (2017), Bataille (2008), Yelin (2015) e Deleuze; Guattari (1980).

PALAVRAS-CHAVE: *A maçã no escuro*; *Acenos e afagos*; animalidade.

THE EXPERIENCE OF ANIMALITY IN *A MAÇÃ NO ESCURO*, BY CLARICE LISPECTOR, AND IN *ACENOS E AFAGOS*, BY JOÃO GILBERTO NOLL: A COMPARATIVE STUDY

ABSTRACT: This article aims to analyze the experience of characters with animality in *A maçã no escuro* (1961), by Clarice Lispector (1920-1977), and *Acenos e afagos* (2008), by João Gilberto Noll (1946-2017). In this approach, we will discuss animals' experiences calling for the disqualification and disorganization of subjects. For this, the formless and the “unclean” emerge as a more particular way of showing contact between the man and the savage. We are, therefore, in the field of the disarticulation of any order in the face of Inhumans - animals. For this article, we use discussions by Nascimento (2012), Giorgi (2016), Berger (2021), Nor (2018), Maciel (2016), Sousa (2012), Seligmann-Silva (2011), Garramuño (2011), Agamben (2017), Bataille (2008), Yelin (2015), and Deleuze & Guattari (1980).

KEYWORDS: *A maçã no escuro*; *Acenos e afagos*; animality.

Recebido em 4 de dezembro de 2021. Aprovado em 30 de junho de 2022.

¹ fabricao.lemos1987@yahoo.com.br - <https://orcid.org/0000-0001-5578-8315>

² mayribeiro@uol.com.br - <https://orcid.org/0000-0002-5263-0499>

1. O APELO ANIMAL EM *A MAÇÃ NO ESCURO* E EM *ACENOS E AFAGOS*

Em nosso estudo, analisaremos dois romances da literatura brasileira, *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector, e *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll. As narrativas apareceram na cena literária brasileira em momentos diferentes, porém compartilhando de uma mesma obsessão estética: a ficcionalização do elemento animal. Neste artigo, buscaremos verificar como os animais se desenvolvem ficcionalmente, prefigurando questões como a desclassificação, a desorganização e o indeterminado.

A maçã no escuro narra o itinerário de um fugitivo chamado Martim, que, ao agredir a esposa, pensou tê-la assassinado. Este ato acarreta uma fuga e a chegada à fazenda de Vitória. Nesse lugar, Martim vivencia seu chamado animal, ao ser “invocado” pelas vacas do curral. Já em *Acenos e afagos*, espécie de “epopeia do corpo e da libido”, narra-se a história de um homem que abandona a família — filho e esposa — para viver com um amigo da época de juventude. Nessa partida, experimenta desejos e transformações no próprio corpo, uma vez que no retorno à antiga paixão, revisita com maior desejo vivências sexuais arrebatadoras. Em ambos os romances, a partida parece ser a sina dos personagens, levando-os a experiências com a animalidade, cujo aparecimento emerge como autêntica liberdade. O “assédio” animal no romance de Noll tem o sexual como mola propulsora, abrindo a narrativa por uma via libidinoso, posteriormente imbuída de caráter ainda mais selvagem.

Mesmo publicados em momentos diferentes da produção artística brasileira — moderna e contemporânea —, as obras integram o que Maria Esther Maciel nomeou de “zooliteratura”, em *Literatura e animalidade*: “O termo “zooliteratura” começou a ser usado para designar o conjunto de diferentes práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que se voltam para os animais” (Maciel 2016: 14).

Utilizando-nos do termo “zooliteratura” ou “zooficção”, defendemos que o apelo ou chamado animal nas obras estudadas liberam os humanos para os outros. Nessa “intertroca”, os animais, sempre no plural, desorganizam, desclassificam corpos e desmontam identidades que se queriam fixas, constituindo-se como um núcleo de abertura que surge para operar experiências de deformação. Para isto, o que temos são movimentos de partida e abandono de uma vida monótona de outrora, ou ainda, algum acontecimento que força o sujeito a uma fuga, como em *A maçã no escuro*. Para uma melhor abordagem, analisaremos as narrativas separadamente, em um primeiro momento. Em seguida, apontaremos questões que as unem, em leitura comparativa.

2. MARTIM E AS VACAS: UM HERÓI CONTAGIADO PELAS VEIAS GROSSAS E PELO CHEIRO SUFOCANTE

Os primeiros textos críticos sobre a ficção de Clarice Lispector, embora de forma tímida, já comentavam a presença dos animais no conjunto de sua obra. Entretanto,

mais recentemente, a crítica especializada tem dedicado maior atenção aos inumanos na literatura dessa escritora, afastando-se sobretudo de excessos ontológicos e leituras existencialistas, que, muitas vezes, centralizam apenas no homem o âmago das questões. Benedito Nunes, por exemplo, em estudo crítico de 1966, imbuído do pensamento de Sartre e Heidegger, já observava o tratamento dos animais em Lispector, segundo a concepção do existencialismo:

Basta considerarmos estas particularidades do tratamento literário que determinados animais recebem na novelística de Clarice Lispector, para vermos logo o quanto essa abordagem está condicionada por uma compreensão definida da existência e do ser. (Nunes 1966: 60)

Em uma abordagem não direcionada apenas ao humano, os animais passam a ser vistos verdadeiramente como “os outros” em sua diferença, em que alteridades e devires podem ser compreendidos como o resultado dessa aproximação e contágio entre homem e animais. Em relação à crítica de Lispector, Evando Nascimento é um nome que desponta nessas leituras, tomando os animais como chave do pensamento. Para o crítico,

Ao colocar sua temática animal na perspectiva do chamado, Clarice traz de volta certo recalque fundante de nossos valores culturais [...] Vale, sobretudo, compreender como bicho e homem compartilham um legado ancestral, cuja marca retorna como fator familiarmente estranho e até certo ponto relacionável ao inumano. (Nascimento 2012: 27-28)

Pelo comentário de Nascimento, vê-se que os animais não apenas se relacionam com o humano, mas participam de sua constituição, dado que o homem carrega em si uma animalidade guardada, recalcada e escondida, que, por sua vez, aguarda para vir à luz e mostrar-se em toda a sua intimidade e realidade. Em *A maçã no escuro*, após a fuga, Martim passa a conviver com todo tipo de ser vivente. Primeiramente, num terreno da era terciária, posteriormente no sítio de Vitória, onde experimenta um mundo mais brutalizado, informe e “imundo” — o curral das vacas. Carlos Mendes de Sousa é outro importante crítico que comenta a presença dos animais na ficção de Lispector. Segundo a sua interpretação, “O modo mais produtivo para definir o processo figurado pela força animal na escrita de Lispector encontramos no conceito deleuziano de devir. [...] o lado animal da obra é uma revelação do animal interior que nos habita — em alguns casos, enjaulado dentro de nós” (Sousa 2012: 286).

Ao entrar em contato mais íntimo com as vacas da fazenda, Martim não deixa de ser homem, fugitivo e real, no entanto, o elemento do devir começa a operar. De acordo com o conceito de devir, proposto por Deleuze e Guattari, Sousa afirma que em *A maçã no escuro* “a apropriação das qualidades animais por parte do homem não é feita no plano da metamorfose” (Sousa 2012: 286). Portanto, ao ser chamado pela pulsão das vacas do curral, Martim invoca em si o seu lado animal: “Foi pois assim que Martim — como se estivesse copiando no seu trabalho de se tornar concreto uma

evoluçãofatal cujo rasto ele sentia às apalpadelas — foi assim que o novo e confuso passo do homem foi sair uma manhã de seu reinado no terreno para a meia luz do curral onde as vacas eram mais difíceis que as plantas” (Lispector 1961: 104).

Com as vacas, Martim é contagiado por uma ancestralidade comum. Ao aceitar o chamado desses animais, ele conviverá com um mundo mais difícil, onde o informe, o “imundo” e o cheiro sufocante fazem parte desse universo mais grosseiro e bruto. Neste bojo, o contágio dos animais engendra também a capacidade de convivência com a bruta diferença, em que operam a matéria viva, orgânica e pulsante. Esse “exercício de animalidade”, como pensa Maciel (2016: 85), configura um devir que requer um contato — corpo a corpo — com os “bichos”. Trata-se de uma ficção que “encena a manifestação da animalidade no humano a partir do enfrentamento/identificação da pessoa com um determinado animal” (Maciel 2016: 86-87). No *corpus* da autora que estamos analisando, o interesse de Martim pela animalidade se dá através das vacas, principalmente. Depois de passar pelo mundo das plantas, o acusado de assassinato emaranha-se pela imundície daqueles mamíferos do curral, convergindo-se em desordens e esforço.

Em *A maçã no escuro*, desde o pulo de Martim ao terreno primário, na aproximação com os viventes inumanos — vegetais e animais —, surge um “herói” que se desclassifica e se desordena, deixando de ser total e inteiro. Ele se abre para uma subjetividade inacabada, móvel e distanciada da identidade fixa. Sob esta possível interpretação, Martim pode configurar uma espécie de homem em estado “primário”, na medida em que abandona a linguagem para grunhir, aproximando-se dos animais. Lembra-nos uma espécie “biologicamente” não definida “nem uma substância dada por acabada” (Agamben 2017: 24).

Depois de conviver com as plantas e os minerais, o sujeito terá que enfrentar outro universo mais radical, porque mais brutal e carregado de fortes odores. Outra questão delineada em sua possível animalidade, diz respeito ao seu calar — espécie de estado pré-linguístico. O fugitivo silencia muitas vezes para melhor se movimentar no ambiente primário. Podemos entender este estado “emudecido” como maneira mais autêntica de Martim manifestar o seu lado inumano, pois se a linguagem é o que distingue os animais do humano, suprimindo-a, tem-se a possível suspensão da diferença entre esses viventes, como argumenta Agamben (2017: 58) em *O Aberto*.

Faz-se mister considerar que diante dos animais, no plano artístico, outras formas de comunicação, em detrimento do logocentrismo verbal, são postuladas como maneira de intercambiar relações. Sob este enfoque, Álvaro Bravo (2011) em “Desenjaular o animal humano”, afirma: “Outras formas de comunicação devem ser contempladas, e torna-se necessário colocar em suspenso, nesse sentido, a hegemonia do signo verbal linguístico como única via de comunicação possível” (Bravo 2011: 223). No projeto artístico de Clarice Lispector, o olhar pode assumir essa comunicação não centrada no humano, como no conto “O búfalo”, uma vez que para a autora o olhar é um elemento fundamental da escrita.

3. O ANIMAL ACENA À SEXUALIDADE: AFAGOS INCLASSIFICÁVEIS NA SELVA

Apaixonado pelo amigo engenheiro desde muito jovem, o protagonista de *Acenos e afagos* é marcado por uma experiência de desejo e sexualidade que apontam a saída da ordem estabelecida pelo patriarcalismo. Trata-se de uma história corporal em que o chamado animal desperta potencialidades que estilhaçam a noção de corpo como matéria limitada — definida pelo polo masculino e feminino —, e indicam uma operação de desfiguração e dissolução de fronteiras. Nesse universo escatológico, inaugura-se uma intimidade com a animalidade. Em *Acenos e afagos*, poder-se-ia dizer que o escatológico expõe, à luz de Kristeva, o que se pode considerar como “abjeto do recalçamento”, no qual excrementos, a imundície e o mal cheiro dos corpos vêm à tona na narrativa como forma de mostrar a relação entre homens e animais. Segundo Seligmann-Silva:

O abjeto, aquilo que é recusado, ejetado, vomitado, é, para Kristeva, um “objeto” originário, é o “*refoulement originaire*”, “recalçamento originário”. Ele nos defronta, ela escreveu em seu livro de 1980, “com estes estados frágeis onde o homem erra nos territórios do animal”. [...] já que este mundo está desde sempre ameaçado de romper sob a força de uma massa abjeta originária que insiste em vir à tona. (2011: 156)

Interessa-nos a vivência dos companheiros amantes na selva. Naquele ambiente, a potência animal, enquanto aceno e apelo, move os corpos para a abertura e recusa de qualquer identidade definida. Por vezes, é possível viver na performance entre feminino e o masculino, em recusa à fixação de posições. Estamos diante de uma vida entregue à sexualidade livre: “Tudo me confundia, mas sei que essa confusão fazia parte do jogo, para que em casa eu não me apegasse demais a nenhum papel. Pois o futuro pode reservar surpresas, você sabe” (Noll 2008: 108). Faz-se necessário enfatizarmos a importância da floresta para a ativação da animalidade nos experimentos libidinosos na narrativa: “Pareciam à minha espera. Os ruídos dos animais da floresta me intrigavam. Havia perigo, mas também chamado” (Noll 2008: 82). Para Gabriel Giorgi,

Acenos e afagos, de 2008, desdobra com precisão estas epistemologias alternativas do vivente ao redor do animal e do devir-animal. Um narrador, já adulto (casado e pai de família) retoma uma paixão por seu amigo de infância com quem mantinha jogos sexuais; depois de diversos episódios [...] terminam vivendo juntos, numa zona distante, na selva. (2016: 186)

Pode-se dizer que nesse lugar mais escondido, onde os sujeitos passam a viver, apresenta-se uma maior força para acenos que tiram os viventes de seus limites, demonstrado no corpo. Na morada da selva, junto com seu companheiro, o antigo patriarca de família assume um novo estado provisório, ou seja, o de “mulher”, em que seu corpo fisicamente corresponde, mudando-se. Ainda de acordo com Giorgi:

Ali, o narrador compreende que nessa nova vida seu papel é o de “mulher”, e começa a sofrer uma mutação corporal: o corpo torna-se, assim, uma caixa de ressonância dos eventos exteriores, os quais materializa, literalmente corporiza. Mas essa mutação, essa transformação corporal, em lugar de uma mudança de gênero, em lugar de uma transformação de “homem” em “mulher”, se torna uma saída para uma corporalidade nos limites do humano, entre o humano e o animal, para uma dimensão onde não há “espécie” reconhecível: o corpo torna-se uma linha de saída da espécie. (Giorgi 2016: 187)

Conforme essa abertura, inaugurada pelo contato com os animais, podemos compreender o corpo em *Acenos e afagos* como dimensão fluida. Nessa corporalidade, não é possível dimensionar identidades fixas porque o deslocamento leva à desconstrução e desfiguração de realidades pré-definidas. Neste âmbito, a saída da classificação — masculino e feminino — engendra um dismantelamento do sentido de origem pela aproximação com o selvagem. Ao solicitar rupturas pela vida orgânica animal, deseja-se romper com forças morais que abafam aspectos da vida livre ao definirem o binarismo como verdade acabada — fruto de construções sociais. No que tange à perspectiva do selvagem animal, John Berger comenta: “Nessa visão de natureza, a vida de um animal selvagem passa a ser um ideal, um ideal interiorizado como um sentimento que esconde um desejo reprimido” (Berger 2021: 32). Desse apelo selvagem, compreendemos que o protagonista do romance de Noll dimensiona um sentido de liberdade pelo constante deslocamento — espécie de vivência indomesticada que o retira da prisão definida pelos papéis sociais, vistos como naturais pela sociedade patriarcal.

Diante disso, concordamos com Gabriela Nor (2018: 173) ao afirmar que *Acenos e afagos* opera uma “experiência de leitura” que corrobora a “indecidibilidade” e “indeterminação”. Para ela, Noll enfatiza “tanto a indeterminação” do personagem, que não pode aderir inteiramente ao aspecto feminino, quanto o alcance de concepções sociais historicamente construídas acerca dos gêneros sexuais” (Nor 2018: 174). Interpretamos este viés como ângulo que se dá pela pulsão animal, nascendo como possibilidade para além do binarismo. Partindo dessa ótica, na chegada do protagonista à floresta, temos o seguinte comentário: “Acudiu-me a ideia de que essa privação serviria de merecimento para a minha alforria da condição feminina, ou mesmo da masculina. Não haveria uma terceira condição?” (Noll 2018: 155). Poder-se-ia dizer que a selva evoca o ruir do sistema binário e da vida como essência. Além disso, pelo chamado animal, o personagem resiste à visão colonial, racional e cartesiana, retirando-se do campo da unidade. Dessa noção, evoca-se a multiplicidade e as políticas que liberam os corpos da homogeneidade.

Sob esta égide, o corpo no texto de Noll se abre para indeterminações, fugindo do “acabado e total”. À luz de Deleuze, ele se emaranha em uma “virtualidade”, não sendo possível definir e fixar, ou seja, dar forma, como destaca Giorgi: “Trata-se menos de um devir-outro que de experiências e ações que põem em crise as formas mesmas dos corpos e que dão testemunho de uma potência ou força de indeterminação — mais próxima da noção deleuziana de virtual” (2016: 185). É pela animalidade que

o corpo escapa de “prisões” normativas e socialmente estabelecidas, instaurando-se no fora, no indeterminado, no que não pertence à metafísica e ontologia castradoras das possibilidades sexuais humanas, em que o animal tem vez. Ao assumir o corpo em sua abertura fora do gênero, o narrador comunga do aparecimento de certos recalques, do estranho abafado e escondido — o animal no humano.

Neste prisma, pelo intercâmbio com o animal, podemos compreender os acontecimentos do romance, sobretudo, na partida para a selva, vista como elaboração ficcional de fuga e desconstrução de identidades “sociais”, como explica Giorgi (2016: 164). Dessa forma, do ponto de vista do “animal como signo político”, o romance nos leva a analisar o itinerário do narrador-personagem como reflexão artística que problematiza “outros sentidos potenciais da sexualidade” (Giorgi 2016: 164), salientada pelos animais. Dessa maneira, em *Acenos e afagos*, o que a sociedade abafa vem à tona ficcionalmente, revelando-se em indomesticção e destruição de fronteiras que jogam para fora libidos escondidas. Estamos diante de uma discussão sobre o “mal estar na cultura”, segundo o pensamento freudiano, cuja problemática se encontra no comparecimento de certo ímpeto animal no humano. De acordo com Seligmann-Silva,

A narrativa que Freud fez no seu “Mal-estar na cultura” é justamente aquela do homem como um ser que, ao se tornar bípede, teve que recalcar seus instintos — inclusive os sexuais, fortemente ligados ao olfato. A libido recalçada pôde ser canalizada na cultura. O homem abandona a animalidade ao passar a se envergonhar de seus órgãos sexuais, agora expostos. (Seligmann-Silva 2011: 153)

No romance de Noll, não podendo recalcar a libido, o narrador-personagem libera o seu “furor” sexual. Ao colocá-la em evidência artisticamente, a animalidade expõe o corpo para zonas em que não é mais possível distinguir e classificar. Nesse sentido, o estranho familiar, figurando nos animais, desmascara possíveis desejos presos em normas sociais. Ao realçar o corpo e não suas definições de masculino e feminino, o autor rasura esses limites e escapa do binarismo, que perde o sentido neste universo sem fronteiras.

4. QUANDO OS ANIMAIS LIBERAM OS HOMENS

Chegamos agora em um ponto comum que atravessa *A maçã no escuro* e *Acenos e afagos*. Nas obras, os animais liberam os personagens para experiências de desmontagem pela via da pulsão corporal. Estamos diante da possibilidade ficcional da desconstrução dos sujeitos, que, pelo intercâmbio com os bichos, instaura novas vivências e realidades. No percurso dos protagonistas, nota-se um direcionamento para o inumano, segundo o qual é possível dimensionar o indeterminado e o inacabado pelos animais.

Ao posicionarem-se nessa zona, os homens aproximam-se de pontos de indefinição. Esse viés, de acordo com a abordagem exposta, joga luz em nossa questão, porque, pelo chamado animal, os personagens de *A maçã no escuro* e *Acenos e afagos* são retirados da monótona vida de outrora e lançados em experiências que levam ao abalo de essências e ontologias, assim como se desarticula o pensamento que lê o homem como rico de mundo, em detrimento dos animais, vistos como pobres de mundo, segundo Heidegger. Interessado nessa discussão, Nascimento comenta: “Heidegger defende três teses profundamente antropocêntricas nos *Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Primeira tese, o homem é aquele que constrói mundo (*weltbildend*); segunda, o animal é pobre de mundo (*weltarm*); terceira, a pedra é sem mundo (*weltlos*)” (2012: 52).

Sob este ângulo, problematizam-se vivências que desarticulam identidades totalizadoras, como em *Acenos e afagos*, por exemplo, em que a sexualidade “é linha de desfiguração, e não fonte de identidade e de forma” (Giorgi, 2016: 178). Neste viés, inauguram-se nesses objetos estéticos maneiras singulares de repensar os limites do humano, quando do contato ou participação dos animais. Ao invés de se posicionar na “armadilha” de si mesmo, cujo valor se dá no âmago do antropocentrismo, o apelo animal desencadeia nas ficções o porvir e o indefinido. Trata-se de um eterno mudar de posição, ou ainda, de um deslocar constante que não tem a certeza como mote. Nessa convivência entre homem e animais, torna-se difícil ver no primeiro qualquer definição e individuação de sujeitos inteiros e totais, próprio do pensamento lógico e cartesiano. Florencia Garramuño problematiza essa questão:

Tal convivência entre animal e o humano pressupõe, nesses textos, a presença de personagens que somente de um modo muito precário — e por inércia — podem ser definidos como sujeitos. Na maioria dos casos, eles não apenas são personagens anônimos ou sem nomes, mas tornam-se personagens difíceis de ser identificados através de uma personalidade ou de uma história pessoal e única, individual. [...] É como se essas narrativas submetessem os personagens a uma espécie de corrente centrífuga que varresse todo traço individual para ficar com o núcleo descarnado da pessoa — corpo, carne —, esse quem ou quê que é afetado pelos acontecimentos e recebe o impacto deles. (2011: 108)

Garramuño dialoga sobremaneira com a literatura de Lispector, entretanto, o comentário pode servir para pensarmos o caso de *Acenos e afagos*, na medida em que pela relação homem e animais — em forma de chamado — retira-se o humano do campo da pessoalidade, pois pelos acontecimentos em que são levados, os sujeitos mergulham num deslocamento pelo corpo e na crueza animal. Vejamos um fragmento de *A maçã no escuro* que comprova esse contágio de Martim com o universo mais bruto das vacas, a partir do qual ele passa a identificar-se com aquele ambiente “imundo” do curral, local em que os viventes se misturam: “A névoa evolava-se dos bichos e os envolvia lenta. Ele olhou mais no fundo. Na imundície penumbrosa havia algo de oficina e de concentração como se daquele enleio informe fosse aos poucos

se aprontando concreta mais uma forma. O cheiro cru era o de matéria-prima desperdiçada. Ali se faziam vacas” (Lispector 1961: 104).

Nessa abordagem comparativa, passemos a um exemplo de *Acenos e afagos*, em que a imundície e os excrementos parecem comungar de qualquer coisa animal. Trata-se de uma realidade sem enfeite ou idealização — de um mundo cru, mal-cheiroso e informe —, que demonstra o aparecimento do recalcado e do estranho: “Tudo que vinha dele vinha bem, a merda até. Na lavagem de roupa, eu seria obrigado a ver o que não deveria. Manchas de um cu mal-lavado, por exemplo. [...] Esses sons que fabricava no banheiro eram uma espécie de menção às vísceras renovadas de cada manhã” (Noll 2008: 94).

Defendemos aqui que a crueza, a imundície, os excrementos de uma realidade escatológica, que, por sua vez, dá-se na particularidade animal, converge para o informe, na maneira como pensou Georges Bataille em seu verbete “Informe”, publicado na Revista *Documents*: “afirmar que o universo não se assemelha a nada e é apenas informe equivale a dizer que o universo é algo como uma aranha ou um escarro” (Bataille 2008: 147). Então, pela crueza da realidade tal como ela é, o informe se assemelha ao seu intento desclassificatório. Neste ínterim, no cru, os animais se manifestam, e, com eles, o informe se enlaça para desorganizar e desclassificar formas e ordenamentos.

Em *Acenos e afagos*, muito mais que em *A maçã no escuro*, o enredo gira em torno do interdito. No romance de Noll, a história do homem que se mantinha com uma herança familiar, juntamente com a família, e que, morrendo (podendo tratar-se de um delírio), é ressuscitado pela antiga paixão, o amigo engenheiro, faz o texto transbordar em zonas erógenas que misturam realidade e visões delirantes, onde o selvagem animal aparece, como na passagem abaixo:

Vi que o sujeito a chupar o parrudo da lanterna se masturbava com energia [...] Ouvi milagrosamente o som dos jatos de sêmen acertando em folhas secas. [...] Quando ia chamá-lo para que me desse algum apoio naquelas desesperantes vésperas de cerco, quando penso encontrar nele a graça que me faltava para não sucumbir ao confinamento, quando ia chamá-lo para que me visse, ele sai correndo então já no corpo de um cão selvagem com os dentes manchados de um escuro que só podia ser sangue. Entre o ponto em que os dois se canibalizavam e a saída sul da mata, deu-se a conversão do rapaz para uma ferocidade envolta em pelos. (Noll 2008: 152-153)

Se, na narrativa de Noll, o ambiente alucinatório e onírico confunde a realidade com a fantasia, no “herói” de Lispector, ao contrário, não há espaço para delírios, já que Martim entra em contato tête-à-tête com os animais, a exemplo das vacas. Em *Acenos e afagos*, por outro lado, o chamado animal converge para visões irreais. São “acenos” animais que perpassam pela libido e desobrigam os corpos de qualquer classificação. Outro ponto interessante que precisa ser delineado diz respeito à morte do narrador-personagem. Morto, o sujeito é ressuscitado pelo amigo, e, neste

acontecimento, inicia a sua “transformação” em mulher, num jogo de indefinição, próximo talvez da androginia.

Neste ínterim, o enredo no texto de Noll caminha para ações sem explicação. Já em *A maçã no escuro*, os acontecimentos apresentam uma maior proximidade com a realidade, por exemplo, quando os animais estão em questão. O intercâmbio entre o homem e a animalidade é imediato, palpável e real. Pelo contato com as vacas, além de outros viventes inumanos, Martim, provisoriamente, deixa de constatar o mundo pela fundamentalidade do sujeito, pela organização, pessoalidade e totalidade, isto é, dá-se em “intertroca” e alteridade na diferença dos bichos. Em *Acenos e afagos*, a animalidade invade os homens desde dentro, realizando-se na sexualidade, na qual emerge a privilegiada compreensão do inumano no humano.

Pela análise comparativa das duas obras, vê-se que a potencialidade selvagem “nasce” de questões muito distintas. Entretanto, dado o surgimento da particularidade animal no itinerário dos sujeitos, a dinâmica que os envolve conduz os dois personagens à desclassificação e liberdade, compreendida aqui como pulsão que lança os protagonistas para fora das fronteiras e classificações. Em Noll, essa trajetória ocorre através da possibilidade de tornar-se homem e mulher ao mesmo tempo. Em Lispector, ela reside no constante deslocamento ontológico e pessoal a que o fugitivo é conduzido, pois, desde a fuga, Martim experimenta a “intertroca” com outras formas vicinais, em devir: “E ele sentiu no corpo todo que seu corpo estava sendo experimentado pelas vacas: estas começaram a mugir devagar e moviam as patas sem ao menos olhá-lo” (Lispector 1961: 106).

Dessa forma, ao se inscreverem na ficção, os animais impõem rupturas com tudo aquilo que socialmente limita, recalca, controla e esconde. Em suma, a animalidade revestida em selvagem, solicita o rompimento, realizando-se na diferença. Artisticamente, a pulsão animal nas narrativas aqui estudadas desconstrói qualquer tentativa de definir origens e metafísicas, inserindo, ao invés disso, a multiplicidade dos outros inumanos no homem. Este, ao fugir e aceitar o chamado selvagem, desorganiza-se. Perde-se, com isso, a identidade antropocêntrica e totalizadora.

Martim, por exemplo, ao experimentar do mundo das vacas e outros viventes — como os vegetais —, mesmo abandonando um para conviver com o outro, não será o mesmo homem, como aquele de antes da fuga. Esse novo “herói” passará a viver na tensão fronteira entre o humano e o inumano. Julieta Yelin, em *La Letras salvaje: ensayos sobre literatura y animalidad*, no capítulo dedicado aos textos *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, e “Meu tio o Iauaretê”, de Guimarães Rosa, explica essa tensão que serve para pensarmos o caso de Martim. Tratando do romance de Lispector, ela argumenta:

Inicia-se assim um confuso e dolorido debate interior entre a vontade de conservar a identidade humana e a compulsão de seguir em uma direção que leva a uma espécie de magma, de fundo inumano. G.H. cede lentamente à atração dessa realidade impessoal que a integra à exterioridade da pura matéria viva,

mas o processo subitamente se interrompe e é lançada à realidade do quarto.³
(Yelin 2015: 145; tradução da editoria)

Interessa-nos essa atração pela matéria viva incitada pelo estímulo animal, já que é esta que promove no sujeito a “tensão” pela destruição de fronteiras entre o homem e o inumano. Para Martim, a animalidade exerce uma alteração, engendrando a experimentação do mundo mais brutal das vacas. Podemos comparar com a experiência que a mulher do conto “O búfalo”, do livro *Laços de família* (1960), teve com este bicho no jardim zoológico. Partindo desse diálogo, comenta-se em *A maçã no escuro*: “Nunca, até então, ele se tornara tanto uma presença. Materializar-se para as vacas foi um grande trabalho íntimo de concretização. A unha finalmente doía.” (Lispector 1961: 106-107). Pelo trecho, vê-se que se configura como uma experiência de devir, sem fantasia ou irrealidade, como pensam Deleuze e Guattari: “os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são reais” (Deleuze & Guattari 1980: 291; tradução nossa).

Em *Acenos e afagos*, a animalidade se reveste no corpo do narrador-personagem, isto é, em sua capacidade de deslocamento, ou ainda, fugir de gêneros e classificações, mas também em visões irrealis, como no delírio que o narrador tem com o filho, em plena selva. Trata-se de uma irrealidade, pois o jovem não habitava naquela mata, tampouco poderia transformar-se, metamorficamente, em bicho, caso consideremos o romance como ficção não fantástica. Dito isto, percebe-se que são diversas as maneiras como os animais são apresentados nas ficções, podendo ser reais, irrealis, motivos de delírios, chamados, implicados como potência sexual e abertura no corpo. Entretanto, como podemos aferir pela análise das narrativas aqui interpretadas, quando os animais aparecem, alguma inconstância se dá. Em *A maçã no escuro*, essa ruptura converge para o abalo do sujeito fechado, íntegro, inteiro e cartesiano, instaurando-se um outro que experimenta, em “intertroca”, de todos os viventes, deslocando-se com maior facilidade. O fugitivo é um herói que está em constante “deseroização”, nunca se totalizando.

Na narrativa de Noll, dada a potência inumana, a ruptura promove a particularidade inclassificatória do corpo, assim como em visões delirantes e acontecimentos reais que remetem à brutalidade selvagem misturada à prática sexual, que advém da própria floresta e seus bichos. Por exemplo, ao chegarem na selva, ainda em pleno voo, o narrador-personagem relata a cópula bruta entre duas onças: “Por entre galhos e ramos de árvores, apareciam nesgas de duas onças fodendo em monumentais rugidos. De repente surgiu uma clareira. Estava na hora de descer. Os rugidos da paixão felina continuavam a desafiar o voo” (Noll 2008: 132-133). Compreende-se que a floresta, com sua fauna, apela para o acasalamento e a saída do gênero definido na obra de Noll.

³ “Se inicia así un confuso y doloroso debate interior entre la voluntad de conservar la identidad humana y la compulsión de seguir en una dirección que la lleva a una especie de magma, de fondo inhumano. G.H. cede lentamente a la atracción de esa realidad impersonal que la integra a la exterioridad de la pura materia viva, pero el proceso súbitamente se interrumpe y es arrojada a la realidad de la habitación”.

Destarte, por vezes, como dissemos anteriormente, o mal-estar implica o estranhamento diante do outro vivente, como em *A maçã no escuro*. No entanto, esse “estranhamento” não se reveste de negatividade nessas “zooficções”, ao contrário, é por aí que se deixa “vazar” o recalcado e o escondido — quando as fronteiras entre humano e inumano entram em tensão. Rompe-se com o pensamento unidirecional, valendo-se da diferença dos outros viventes: “Foi com mal-estar que senti as vacas escolhendo nele apenas a parte delas que havia nele; assim como um ladrão veria nele a parte que ele, Martim, tinha de avidez de roubo” (Lispector 1961: 106). Dessa forma, assim como o terreno terciário e as vacas contagiam Martim, em chamamento, a floresta impulsiona no sujeito de *Acenos e afagos* o que já existia dentro de si: “Entranhei-me pela selva. Naquela tarde os animais pareciam agitados demais. A excitação era sim demasiada, chegava a estontear [...] Havia os ruídos mais estranhos, pássaros vinham e iam rente por entre os galhos, emitindo gorjeios rascantes, dando voz aos transtornos florestais” (Noll 2008: 197-199).

Nos romances estudados, há muitos acontecimentos, entretanto, demos destaque para os momentos em que a animalidade aparece na rotina dos humanos. Por fim, independente dos enredos singulares e diferenciados, o que os une é o “convite” dos animais. Estes, ao invocarem comportamentos selvagens, transformam o cotidiano dos sujeitos, ou ainda, impulsionam o lado animal guardado. Pelo aceno, há apelo ao inumano, resultando em indefinição e desclassificação. Pode-se dizer que, artisticamente, os romances evidenciam questões fundantes para a contemporaneidade, na medida em que fazem ecoar relações entre homens e animais, assim como dificuldades de pensarmos a separação entre eles, como reflete Agamben (2017: 24), pois esta distinção não é algo resolvido, ao contrário, afirma-se em “tensão”, na sua complexidade e em seus desdobramentos.

OBRAS CITADAS

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Trad. Pedro Barbosa Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BATAILLE, Georges. *Documents*. Trad. João Camilo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Fósforo, 2021.

BRAVO, Álvaro Fernández. *Desenjaular o animal humano*. Trad. Maria Esther Maciel. Maria Esther Maciel, org. *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. p. 221-243.

DELEUZE, Gilles, & Félix Guattari. *Mille plateaux: capitalismo et schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

GARRAMUÑO, Florencia. Região compartilhada: dobras do animal-humano. Trad. Maria Esther Maciel. Maria Esther Maciel, org. *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zopoética e biopolítica*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. p. 105-116.

GIORGI, Gabriel. *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e a animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector (ensaio)*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

NOOL, João Gilberto. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOR, Gabriela Ruggiero. *Narrativa e indeterminação: uma leitura de Acenos e afagos, de João Gilberto Noll*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29072019-145738/pt-br.php>.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. Maria Esther Maciel, org. *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zopoética e biopolítica*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. p. 149-167.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

YELIN, Julieta. Viajes a ninguna parte. Sobre la representación de la animalidad en “Meu tio o iauaretê” de João Guimarães Rosa y *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector. *La letra salvaje: ensayos sobre literatura y animalidad*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2015. p. 135-149.